

Todo aquele que consegue preservar o autodomínio, mantendo-se calmo e irreduzível face às tempestades da vida (sem uma folha caída ou uma ondulação de água que o perturbe), possui, na mente deste povo de sabedoria iletrada, a conduta e a atitude perfeitas perante a vida. Se perguntarmos a estas pessoas o que é o silêncio, elas responderão: «O silêncio sagrado é a voz do Grande Mistério!» Se lhes perguntarmos quais são os frutos do silêncio, vão responder: «São o autocontrolo, a verdadeira coragem ou perseverança, a paciência, a dignidade e a reverência.

O silêncio é a pedra basilar do carácter.» Como dizia o velho chefe Wabashaw: «Cuidado com a língua quando és jovem, pode ser que quando chegues a velho tenhas um pensamento útil para o teu povo!»

Também o amor às coisas materiais é uma característica que deve ser superada. É algo que, pelo seu apelo ao mundo material, pode perturbar, a seu tempo, o equilíbrio espiritual do indivíduo. Portanto, a beleza da generosidade deve ser ensinada às crianças desde a mais tenra idade, para que estas possam ser educadas no sentido de abdicar e não se apegar demasiado a objetos.

CHARLES ALEXANDER EASTMAN

A ALMA
DO ÍNDIO

Tradução de
Carla Prado

alma
dos
livros

Prefácio

«Nós também temos uma religião, que foi revelada aos nossos ancestrais e transmitida até chegar a nós, os seus filhos. Ela ensina-nos a ser gratos e unidos e a amarmo-nos uns aos outros! Aqui, nunca discutimos por causa da religião.» Foram estas as palavras ditas pelo grande orador dos senecas,¹ Red Jacket,² na sua magnífica resposta aos missionários, há mais de um século. Desde então, tenho-as ouvido muitas vezes, repetidas pela boca de muitos dos meus conterrâneos, nas minhas tentativas de descrever a vida religiosa do Índio Americano comum antes da chegada do homem branco. Desde há muito que queria fazer algo desta natureza, porque não encontro nenhum relato do género que seja adequado (nem muito menos sincero).

¹ Os senecas são uma tribo indígena descendente dos iroqueses que vive maioritariamente na região de Nova Iorque, sendo que, após a Revolução Americana, uma pequena parte se mudou para o Canadá. Nos dias de hoje, somam cerca de 10 000 pessoas. *[N.T.]*

² Red Jacket (1750-1830) foi um notável líder e negociador nativo-americano que chegou a negociar a independência das primeiras nações indígenas com o presidente George Washington após a independência norte-americana. *[N.T.]*

A crença religiosa do Índio é a sua característica mais incompreensível aos olhos dos homens de outras raças. Primeiro, tal acontece porque o Índio, sendo crente, nunca fala destes assuntos; os não crentes, por seu lado, falam deles imprecisamente e de forma depreciativa. Em segundo lugar, mesmo que o convençam a falar, o preconceito racial e religioso dos seus interlocutores impede que estes sejam recetivos às crenças do nosso povo. Em terceiro e último, praticamente todos os estudos existentes sobre esta matéria foram levados a cabo durante o período de transição (após a colonização), pelo que muitos dos costumes e filosofia nativo-americanos se encontravam já em fase de desintegração.

É possível encontrar, aqui e ali, relatos superficiais de estranhos costumes e cerimónias, cujo simbolismo e significado mais profundo permanecem ocultos ao olhar de quem os observa; isto explica a grande quantidade de material recolhido nos tempos mais recentes, ainda que este não tenha qualquer valor, pois trata-se de material híbrido e próprio dos tempos modernos, inextricavelmente misturado com lendas bíblicas e filosofias próprias dos brancos. Algum desse material foi mesmo inventado para fins comerciais. Dê a um Índio que vive numa reserva um presente e é possível que, aí mesmo, ele lhe ofereça cânticos sagrados, histórias de mitologia e folclore, prontos a serem consumidos!

Este breve livro não pretende tornar-se um tratado científico. Tento ser o mais fiel possível à educação que

recebi na infância e aos ideais ancestrais do meu povo; contudo, faço-o de um ponto de vista humano, não etnográfico. Não me interessa compilar aqui os ossos dos que já partiram, mas sim dar-lhes a substância de alguém de carne e osso. Tanta coisa tem sido escrita por pessoas alheias à nossa antiga fé, sendo tratada por outras religiões como uma mera fonte de curiosidade. É meu desejo, pelo contrário, demonstrar não só o apelo pessoal das crenças do Índio, mas sobretudo o seu carácter universal!

Os primeiros missionários, homens bons de mentes tacanhas (próprias da sua época), caracterizaram-nos como pagãos ou adoradores do Diabo, exigindo que renunciássemos aos nossos falsos deuses antes de nos ajoelharmos perante o seu altar. Chegaram mesmo a dizer-nos que estaríamos perdidos para toda a eternidade, a não ser que adotássemos o culto de um símbolo tangível e professássemos uma das muitas formas da sua fé, essa Hidra moderna de várias cabeças.³ Nós, homens da atualidade, somos mais inteligentes do que eles! Nos dias de hoje, sabemos que todo e qualquer tipo de fé tem uma origem e um objetivo comum. O Deus dos letrados e dos iletrados, dos gregos e dos bárbaros é, no fim de contas, o mesmo; tal como o apóstolo Pedro, conseguimos perceber que Ele não

³ Segundo a mitologia greco-romana, a Hidra (*Hydra*) era uma serpente aquática de várias cabeças, guardiã do lago Lerna (Grécia), onde se supunha existir uma entrada para o Mundo dos Mortos. Teoricamente, era impossível de matar porque, por cada cabeça cortada, cresciam duas no seu lugar; até que, segundo a lenda, foi morta por Hércules, filho de Zeus e Alcmena. [N.T.]

diz respeito a um só povo. Pelo contrário: qualquer um, em qualquer nação, que seja temente a Deus e que trabalhe para fazer o bem é aceite aos olhos Dele.

Charles A. Eastman (Ohyiesa)

Capítulo Um

O GRANDE MISTÉRIO

*O culto solitário. O filósofo selvagem. A dualidade da mente.
Dons espirituais contra o progresso material.
O paradoxo da «civilização cristã».*

A atitude original do Índio Americano em relação ao Eterno, ao «Grande Mistério» que nos rodeia e envolve, é tanto de simplicidade como de exaltação. Para o Índio, esta é a conceção suprema que traz consigo a mais plena dimensão de alegria e satisfação possíveis de alcançar nesta vida. O culto do «Grande Mistério» é silencioso, solitário e livre de qualquer egoísmo. É silencioso porque todo o discurso é, por necessidade, débil e imperfeito; assim sendo, as almas dos nossos ancestrais ascenderam a Deus num estado de adoração silenciosa. É solitário porque acredita que Ele está mais próximo de nós quando estamos sós, e não há nenhum sacerdote que possa colocar-se entre o homem e o seu Criador. Ninguém pode

incitar, confessar ou interferir seja de que maneira for na experiência religiosa de outra pessoa. Entre nós, todos os homens são considerados filhos de Deus e todos se mantêm de cabeça erguida, conscientes da sua própria origem divina. A nossa fé não pode ser alicerçada em credos nem imposta à força entre os que não estão dispostos a recebê-la; portanto, não existem pregadores, proselitismo ou perseguições religiosas. De igual modo, também não existe escárnio em relação à fé ou ateísmo de cada um.

Não existem templos ou altares para o nosso povo, salvo os que se encontram na natureza. Sendo ligado à natureza, o Índio é intensamente poético. Para ele, seria considerado um sacrilégio construir uma casa para Aquele que pode ser encontrado cara a cara nos obscuros, misteriosos e ancestrais recantos da floresta, ou no aconchego soalheiro das pradarias virgens; em estonteantes espirais e pináculos de rocha despida; e, mais além, nas profundezas estreladas do céu noturno! Ele, que se deixa envolver pelo fino véu das nuvens, no limite do mundo visível onde o Sol, nosso bisavô, ateia a sua fogueira no acampamento ao final do dia; Ele, que cavalga o vento rigoroso do Norte e que bafeja o seu espírito sobre os aromáticos ventos do Sul e cuja canoa de guerra é lançada sobre os rios majestosos e sobre os mares terrestres. Ele não precisa que lhe ergam uma mera catedral!

Este tipo de comunhão solitária com o Invisível – que representa o ponto mais alto da nossa experiência religiosa – é parcialmente descrito através da palavra

hambeday (cujo significado literal é «sentimento misterioso»), sendo usualmente traduzida como «jejum» ou «sonho». Contudo, talvez este conceito seja melhor interpretado como «consciência do divino».

O primeiro *hambeday*, ou retiro religioso, marca uma época na vida dos jovens, que pode ser comparada aos sacramentos da iniciação cristã. Tendo sido preparado anteriormente e purificado com um banho de vapor, e afastando o mais possível de si todas as influências humanas ou carnavais, o jovem procura o cume mais imperioso e nobre em toda a região à sua volta. Sabendo de antemão que Deus não atribui qualquer valor a ofertas materiais, o indivíduo não leva consigo quaisquer sacrifícios ou oferendas além de objetos simbólicos, como pinturas ou tabaco. O seu desejo de comparecer junto Dele numa postura totalmente humilde leva-o a não usar nenhuma roupa além de uma peça a cobrir a cintura⁴ e dos seus mocassins. À hora solene da alvorada ou do pôr do sol, o jovem assume a sua posição, abarcando com o olhar as glórias naturais da terra e encarando o «Grande Mistério»; e aí permanece, nu, convicto, silencioso e imóvel, exposto aos elementos da natureza e às forças divinas, frequentemente durante um ou dois dias e noites inteiras (ou até mais, ainda que em casos raros). Por vezes, é entoado um cântico sem palavras

⁴ Esta peça (*breechclout* no original) é feita de lã, típica do vestuário nativo-americano, e usada à volta da cintura e das pernas. [N. T.]

ou oferecido o cachimbo cerimonial,⁵ já cheio de tabaco. Neste estado de transe sagrado, o Índio místico alcança o cúmulo da felicidade, bem como a força motriz da sua existência.

De volta ao seu acampamento, deve manter-se afastado dos demais até ter tomado novamente um banho de vapor e estar preparado para interagir com a sua comunidade. Não deve comentar com ninguém os sinais ou visões que lhe foram revelados, a menos que estes contenham alguma missão que deva ser cumprida publicamente. Por vezes, a sabedoria deste oráculo recebido na juventude é apenas partilhada pelos anciãos na hora da morte, diante de uns quantos escolhidos.

Devido à sua pobreza e simplicidade, os membros dos povos nativo-americanos são muitas vezes desprezados pelos conquistadores brancos. Estes últimos esquecem-se, talvez, que a sua religião não lhes permite acumular riquezas materiais. Para o indígena (tal como para todos os homens de ideias fixas em qualquer era e de qualquer raça, desde Diógenes⁶ aos seguidores de S. Francisco de Assis, passando pelos montanistas⁷ e pelos Shakers⁸), o amor aos bens materiais é uma cilada

⁵ O cachimbo é um importante símbolo espiritual para a comunidade indígena, como significado da união mística entre o céu e a terra. [N. T.]

⁶ Filósofo grego (c. 412 a.C.-323 a.C.) que defendia as virtudes da pobreza extrema, vivendo apenas dentro de um barril de madeira. [N. T.]

⁷ Movimento cristão primitivo formado no século II pelo místico Montano e originário da Ásia Menor (atual Turquia). [N. T.]

⁸ Culto religioso protestante (também conhecido como Sociedade Unida dos Crentes na Segunda Aparição de Jesus Cristo) fundado no século XVIII em Inglaterra. Eram conhecidos como «*Shaking Quakers*» pelo seu

constante que devia ser evitada. O fardo imposto pelas necessidades de uma sociedade complexa sempre se afigurou como uma fonte inesgotável de perigos e tentações. Além disso, uma das regras da sua existência é a partilha dos frutos do seu ofício com os membros mais desafortunados da comunidade. Desta forma, o seu espírito mantém-se livre dos obstáculos causados pelo orgulho, pela cobiça e pela inveja; em vez disso, escolhem levar a cabo o que lhes fora divinamente decretado (algo que, para o indígena, é de suma importância).

Assim sendo, não é inteiramente por ignorância ou imprevidência que os índios não conseguem estabelecer cidades duradouras, bem como desenvolver uma civilização baseada em bens materiais. Para estes sábios autodidatas, a concentração da população num só espaço é a raiz de todos os males, sejam eles de natureza moral ou física. Para estes povos, a moderação é a chave para tudo: é bom alimentar-se, mas o excesso de alimento mata; o amor é encorajado, ainda que a luxúria destrua tudo à sua passagem; quanto à sua força espiritual, esta dissipar-se-á quanto mais próximo for o contacto com os seus semelhantes em espaços insalubres e apinhados, sendo essa perda tão temida como se de uma pestilência se tratasse. Todos os que vivem ao ar livre sabem que existe uma força magnética e nervosa que se acumula quando estamos sozinhos, perdendo-se rapidamente no convívio com

comportamento vibrante durante as cerimónias religiosas. Pregavam o celibato, bem como um estilo de vida simples e comunitário. [N.T.]

a multidão. Até os seus inimigos lhes reconhecem a existência de um poder inato e de um equilíbrio – totalmente independentes das suas circunstâncias – que tornam impossível comparar o Índio Americano a quaisquer outros homens.

O Índio divide a mente em duas partes, a espiritual e a física. A primeira é composta inteiramente pelo seu espírito, preocupando-se somente com a essência das coisas. É esta parte que se procura fortalecer através da oração espiritual, mediante a qual o corpo é dominado pela via do jejum e das dificuldades. Neste tipo de oração, não se suplica por ajuda ou por qualquer tipo de favor. Todas as preocupações de índole pessoal ou de natureza egoísta (tais como o sucesso numa guerra ou numa caçada, a cura para uma doença ou as súplicas pela vida de alguém querido) são relegadas para o plano menos elevado da mente; assim sendo, todas as cerimónias, bem como todos os encantamentos ou amuletos destinados a obter uma benesse ou a evitar um perigo, são considerados como manifestações que emanam da essência física de cada um.

Os rituais característicos deste culto físico são, uma vez mais, de natureza inteiramente simbólica. Os índios adoram o Sol com tanto fervor como os cristãos adoram um crucifixo. De acordo com a sua visão do mundo, o Sol e a Terra (em jeito de parábola, cujo valor metafórico é ligeiramente maior do que o valor científico) são os pais de todas as formas orgânicas de vida. É do Sol, pai universal, que advém o princípio germinante da vida; por outro lado, é no

ventre paciente e fértil da Terra que se escondem os embriões das plantas e dos humanos. Assim sendo, o nosso amor e reverência por estes dois é, na verdade, uma extensão criativa do amor pelos nossos pais. A este piedoso sentimento filial junta-se a vontade de apelar a estes elementos (tal como o faríamos com os nossos pais) para que nos concedam todas as dádivas que desejamos. É nisto que consiste a oração física ou de origem material.

Os elementos naturais mais poderosos, tal como o Trovão, o Vento, a Água, o Fogo e a Geada, são vistos com fascínio (como se fossem forças espirituais), embora sejam considerados elementos de qualidade secundária ou intermédia. Acreditamos que o espírito se encontra presente em todos os aspetos da Criação e que cada criatura possui uma alma, até certo ponto, embora nem sempre a alma tenha consciência da sua própria existência. A árvore, a cascata, o urso-pardo: cada um deles é a personificação da força divina e, como tal, são dignos de reverência. É de suma importância para o Índio estar em harmonia e em comunhão espiritual com os seus irmãos pertencentes ao reino animal, cujas almas inarticuladas têm para si o encanto da pureza sem pecado que atribuímos a uma criança inocente e irresponsável. Temos fé nos instintos destes animais, como se estes fossem dádivas celestiais; e, embora aceitemos humildemente o sacrifício do corpo de animais para assim alimentar e preservar o nosso próprio corpo, prestamos homenagens ao seu espírito através de preces e oferendas.

A velhice é considerada, entre nós, como o período mais feliz da nossa vida.

O avançar da idade confere muita liberdade, não apenas das tarefas mais árduas e perigosas, mas também das restrições que fazem parte da etiqueta imposta a todos os outros.

Não existem templos ou altares para o nosso povo, salvo os que se encontram na natureza.

Sendo ligado à natureza, o Índio é intensamente poético.

Para ele, seria considerado um sacrilégio construir uma casa para Aquele que pode ser encontrado cara a cara nos obscuros, misteriosos

e ancestrais recantos da floresta,
ou no aconchego soalheiro
das pradarias virgens;
em estonteantes espirais
e pináculos de rocha despida;
e, mais além, nas profundezas
estreladas do céu noturno!
Ele que se deixa envolver
pelo fino véu das nuvens,
no limite do mundo visível
onde o Sol, nosso bisavô,
ateia a sua fogueira no
acampamento ao final do dia,
Ele que cavalga o vento
rigoroso do Norte
e que bafeja o seu espírito
sobre os aromáticos ventos
do Sul. Ele não precisa que
lhe ergam uma mera catedral!